

Algumas fotografias e desenhos teriam constituído documentação de suma importância.

De qualquer modo, os elementos fornecidos pelo Sr. Artur Manuel Monteiro conferem certo interesse àquele achado, por o berrão ter sido encontrado dentro de uma velha casa a 1,50 m a 1,80 de profundidade. Foi pena que aquele achado, sem dúvida notável, por ser a segunda vez que um berrão é encontrado, digamos, em «su sitio», não tenha podido ser acompanhado por um arqueólogo, que não deixaria de crivar a terra pelo menos do interior das casas, e colher e guardar a cerâmica e o mais que aparecesse.

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»
Faculdade de Ciências da Universidade do Porto
Fevereiro de 1978

J. R. DOS SANTOS JÚNIOR
Antigo Director do Instituto de
Antropologia «Dr. Mendes Correia»
e Presidente da Sociedade Portuguesa
de Antropologia e Etnologia

O «Porco de Pedra» de Paredes da Beira

(Berrão Proto-Histórico)

Paredes da Beira é freguesia do concelho de S. João da Pesqueira, distrito de Viseu. É terra bastante antiga ⁽¹⁾ com vestígios e referências a factos que bem atestam o seu passado remoto. Para além de monumentos megalíticos (4 dólmen) e

(1) Esta terra deve o seu nome, segundo se crê, ao facto de em tempos remotos, existir neste local, grande número de ruínas, paredes velhas.

É controversa a data da sua conquista aos mouros. O P. António Carvalho da Costa na *Corografia Portuguesa*, 1708, Lisboa, T. II, pág. 296, refere que Paredes foi conquistada em 1037 (data já referida por Fr. Ber-

de ruínas de fortificações, muito provavelmente da cultura castreja, existe também uma escultura zoomórfica em granito representando um porco. Dela nos passaremos a ocupar.

Trata-se de mais um exemplar ⁽¹⁾ representante de uma cultura que floresceu no Nordeste de Portugal e terras vizinhas de Espanha.

O berrão de Paredes da Beira era pouco conhecido. Várias pessoas, mesmo de certa idade, naturais da freguesia, deram-nos conta do desconhecimento de tal escultura.

Não abundam também as referências escritas. Apenas Pinho Leal ⁽²⁾ em 1875 alude a este berrão afirmando que «em um campo da família Aguiar Alves, vê-se um porco de pedra, antiquíssimo. Foi achado no sítio do tanque da Ceara, à entrada da vila. É provavelmente *memória* de algum facto aqui acontecido em tempos remotíssimos, de que não há tradição — ou serviu de termo a alguma propriedade ou território. O povo rústico na sua ignorância diz que era um ídolo dos *mouros*. Todos sabem que os árabes não eram idólatras».

O local onde actualmente se encontra, pequeno terreno murado a cerca de 100 m, para sul, do centro da povoação

nardo de Brito). Mas a data que se afigura como mais provável parece ser 1055, início da Campanha Lusitana, levada a cabo por D. Fernando, o Magno de Leão, que lhe concedeu foral (Grande Encicl. Port. Brasileira, Vol. xx, pág. 398).

Há notícia da confirmação deste foral (foral sem data) por D. Afonso Henriques. D. Sancho I concede novo foral a 15 de Abril de 1198 que é confirmado por D. Afonso II em 4 de Junho de 1218. Em Junho de 1257 D. Afonso III concedeu-lhe outro foral. Mais tarde, em 1512, D. Manuel dá-lhe foral novo a 12 de Dezembro.

⁽¹⁾ Em relação aos berrões portugueses há referências e estudos dispersos por larga bibliografia. Deve-se contudo, ao Prof. Santos Júnior, a descoberta de um grande número destas esculturas. Nos seus trabalhos, *A Cultura dos Berrões do Nordeste de Portugal*, in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», Vol. xxii, Fasc. 4, Porto, 1975, págs. 353 a 516, 131 figs. e *Novos elementos da remota zoolatria em Trás-os-Montes*, in id., Vol. xxiii, Fasc. 1, Porto, 1977, págs. 5 a 18, 26 figs., refere, sistematiza e estuda 54 berrões. O de Paredes da Beira poderá considerar-se como o 55.º.

⁽²⁾ Pinho Leal, *Portugal Antigo e Moderno*, 1875, Lisboa, Vol. 6.º, págs. 487 a 493.

(Largo da Praça), contribuiu a nosso ver, juntamente com o facto de estar enterrado até à barriga, para o seu desconhecimento. Mais parecia uma massa roliça, granítica, à semelhança de um banco (Fig. 3).

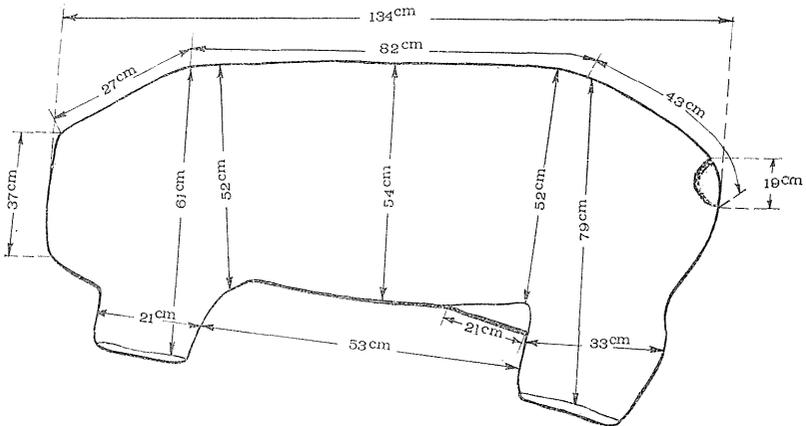


Fig. 1 — Perfil do berrão de Paredes da Beira.
Este desenho e o seguinte de Francisco Coelho de Sousa.

Tivemos dificuldade na recolha de novos elementos ⁽¹⁾. Quase invariavelmente as pessoas interrogadas limitavam-se a descrever os relatos que Pinho Leal fez desta terra, sublinhando que muitas outras coisas se encontravam referidas em *Histórico da Vila de Paredes (Portugal)*, 1932, Livraria Globo, Pará, oferta de João António Gouveia, que é essencialmente transcrição de Pinho Leal. O povo chama a este trabalho «Livro de Paredes da Beira». Ter-se-á esbatido a tradição oral, monopolizando-se nos relatos atrás referidos?

Não se sabe em que data apareceu no local onde actualmente se encontra (terreno que, segundo informações que colhemos, pertenceu em tempos à família Aguiar Alves).

⁽¹⁾ Não corre, na povoação, qualquer lenda relativa a este berrão. Também não colhemos novos elementos sobre o significado que tem sido atribuído a esta escultura.

Pinho Leal, como já referimos, informa que este porco «foi achado no sítio do tanque da Ceara, à entrada da vila» (1).

Não existe memória do tanque da Ceara. À entrada da povoação aparece apenas a fonte da Cigarra. Simples confusão? É bem provável que sim. Conversando com pessoas idosas da freguesia quando falávamos em Ceara, imediatamente corrigiam para Cigarra.

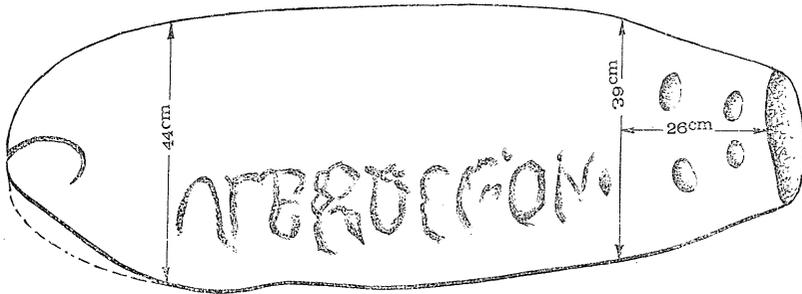


Fig. 2 — Inscrição da face superior do berrão.

Tomando por base a informação de Pinho Leal, não posterior a 1875, pode concluir-se que este berrão se encontra afastado do local onde foi achado, há mais de cem anos.

Para pôr a descoberto a parte que se encontrava enterrada, efectuamos uma pequena escavação (Fig. 4). Nada se encontrou de interesse arqueológico.

(1) O vocábulo villa, teve ao longo dos tempos, significado diferente do que actualmente se lhe atribui. Refere Pinho Leal, ob. cit., Vol. xi, pág. 663, que «desde o tempo de el-rei D. Afonso III se começou a chamar villa a uma povoação grande ou cabeça de concelho na qual se decidiam as causas na 1.ª instância».

Alexandre Herculano, História de Portugal, 1880, Lisboa, Tomo III, 4.ª Ed., pág. 298, saliente que «villa era a denominação genérica tanto de qualquer granja, de qualquer aldeia ou aldeola, como das mais importantes municipalidades, e que corresponde na sua significação vaga ao moderno vocábulo povoação».

Esculpido em granito, com abundância de cristais de quartzo e mica branca, está em certas zonas coberto de líquenes. Encontra-se num estado de conservação que pode considerar-se razoável (senão mesmo bom, em função de outros achados do género).

Não tem base (peanha) e não conseguimos apurar se a possuía quando foi referenciado pela primeira vez. Na sua estrutura geral apresenta mutilações no focinho ⁽¹⁾, na parte posterior direita e nas patas. Simples coincidência, a mutilação que apresenta na parte posterior? Grande número de berrões até agora estudados, apresenta mutilações, particularmente na parte posterior onde aparecem esculpido os órgãos sexuais.

Tem de comprimento 134 cm. A largura bi-escapular é de 39 cm.; a bilhaca de 44 cm. A crista raquidiana, bem visível tem cerca de 82 cm de comprimento (Fig. 1).

Apresenta na cabeça 4 covinhas colocadas simetricamente. Devem representar os ouvidos e os olhos do porco (Fig. 5).

Resta apenas uma pequena parte dos membros anteriores. Os posteriores apresentam também mutilações, se bem que o seu estado de conservação seja bastante melhor, notando-se perfeitamente a sua separação. A largura dos membros posteriores (visto de perfil) é de 33 cm na articulação do joanete. A dos anteriores é de 21 cm. A distância entre os membros é de 53 cm.

No plano médio ventral, na zona das virilhas, mostra um saliente granítico, que o povo interpreta como órgão sexual masculino. Pena é que a parte posterior se encontre parcialmente mutilada. A cauda e o orifício anal apresentam-se bem visíveis.

O corpo alarga da frente para trás. Tem como altura máxima 79 cm (no aprumo das patas posteriores). O perímetro a meio da curvatura abdominal é de 158 cm. Os perímetros axilar e inguinal são, respectivamente de 151 e 168 cm.

(1) Informou-nos a Sr.^a D. Berta Nunes, que há muitos anos, constou na povoação que os trabalhadores do Sr. José Soares (que foi proprietário do terreno onde actualmente se encontra o berrão) tinham quebrado o focinho ao «porco».

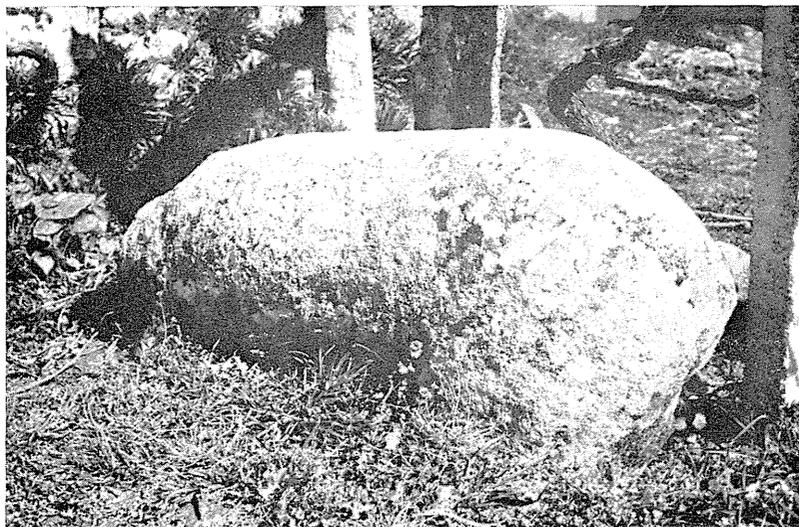


Fig. 3 — O berrão de Paredes da Beira tal como foi encontrado.

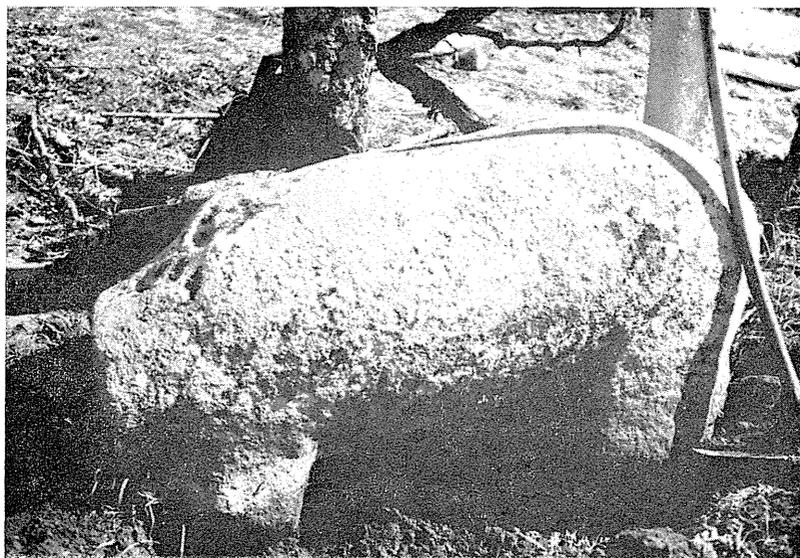


Fig. 4 — O berrão depois de desenterrado.



Fig. 5 — Parte anterior do berrão, mostrando a fractura do focinho e as covinhas da testa.



Fig. 6 — Inscrição na face dorsal.

A face lateral esquerda é abaulada e lisa. Na face direita nota-se uma pequena reentrância.

Apresenta ainda um pormenor curioso e ao mesmo tempo intrigante. No dorso, no lado direito, paralelamente à crista raquidiana encontra-se uma inscrição de tradução e significado que não conseguimos apurar (Figs. 2 e 6).

O Prof. Santos Júnior baseado no conhecimento concreto de que mais de metade dos berrões do Nordeste de Portugal foram achados em castros e o mesmo se sabe de zoomorfias espanholas, admite que a cultura dos berrões é essencialmente castreja.

Não possuímos elementos que nos permitam conhecer a proveniência do berrão de Paredes da Beira. Todavia, não queremos deixar de referir que a pouca distância do local onde foi encontrado pela primeira vez, existem restos de um castro.

A localização deste berrão, fora da zona onde se verifica uma maior concentração destas esculturas, assume particular interesse, aumentando a zona onde floresceu esta cultura.

Queremos referir ainda que por vezes a ignorância, e porque não, a falta de sensibilização para a conservação do património cultural, têm levado à mutilação e mesmo destruição destas esculturas. Este berrão, em nosso entender, merece atenção mais cuidada e conveniente protecção.

AGOSTINHO CAMPOS FERREIRA

MARIA CLARA FIGUEIREDO C. FERREIRA

(Sócios da Soc. Port. de Antropologia e Etnologia)

A estação arqueológica de Vilarelhos e a cabeça de guerreiro lusitano

A Direcção-Geral do Património Cultural, do Ministério da Educação e Cultura, em ofício datado de 20 de Novembro de 1977 comunicou-me ter chegado ao seu conhecimento ter sido encontrado, junto da Capela de Nossa Senhora dos Anúns